

A ANTROPOFAGIA CINEMATOGRAFICA EM IBIRAPEMA, DE OLINDA TUPINAMBÁ

Maria Clara de Souza Santos
USJT Universidade São Judas Tadeu
Cinema e Audiovisual, Mooca, 8222243187@ulife.com.br

Ana Carolina Cernicchiaro, Dra.
UNISUL Universidade do Sul de Santa Catarina
PPGCL, Pedra Branca, ana.cernicchiaro@ulife.com.br

Introdução

Este artigo propõe analisar o filme Ibirapema, dirigido por Olinda Tupinambá, cineasta do povo Tupinambá e também Pataxó Hãhãhãe, para o programa de comissionamento artístico Atos Modernos, um projeto proposto pela Pinacoteca de São Paulo em parceria com a Coleção Ivani e Jorge Yunes, para criação de obras que refletem sobre o Modernismo brasileiro. A exposição ocorreu em 2022, ano do centenário da Semana de Arte Moderna.

Objetivos

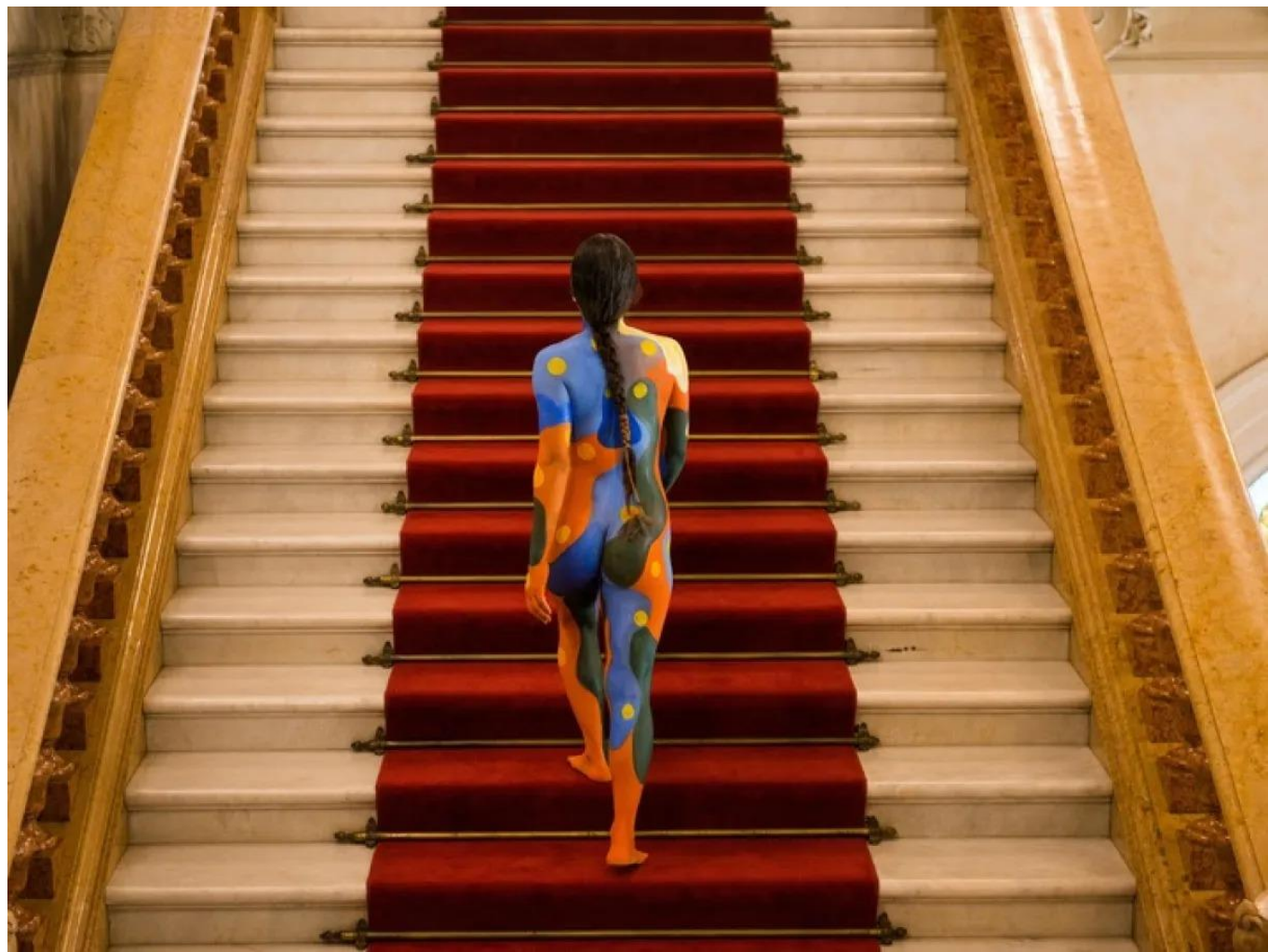
O objetivo da pesquisa é analisar o filme Ibirapema, considerando as pautas relevantes aos povos indígenas brasileiros, como o genocídio e o apagamento histórico que começaram com o colonialismo, mas que se mantêm até os dias de hoje. Busca-se também dar visibilidade a essas populações e disseminar a produção fílmica feita por indígenas no Brasil, além de debater a relação entre o produto audiovisual e a colonialidade.

Metodologia

Para a elaboração deste texto, realizou-se a análise fílmica do objeto estudado e pesquisa bibliográfica sobre a temática, de forma a compreender seu potencial político e para a reunião de materiais como fonte de pesquisa, empregou-se os descritores: Cinema indígena, Arte indígena e Antropofagia na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES e no Portal da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Além desses artigos encontrados, a pesquisa se baseou nos conceitos de Antropofagia de Oswald de Andrade e de Perspectivismo ameríndio, termo concebido por Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima. Os materiais reunidos foram utilizados para analisar o filme Ibirapema, a fim de compreender as potencialidades políticas e artísticas do cinema indígena, em uma análise com foco simbólico, buscando compreender os símbolos e metáforas contidos na obra fílmica e, discursiva, uma vez que procura debater o caráter político presente na narrativa.

Resultados

A ascensão de cineastas indígenas representa uma esperança de visibilidade. Para além da capacitação de profissionais, é preciso que eles obtenham acesso a financiamentos para produzirem suas obras e, espaço de exibição para que esses filmes cheguem a outras pessoas, como ressalta a cineasta Graciela Guarani, “a realidade é que a gente está produzindo com nada há muito tempo”. Ibirapema surge da parceria entre uma cineasta indígena e um museu de arte, essa colaboração possibilitou a ocupação como artista de uma instituição em que os índios, até poucas décadas atrás, eram apenas inspirações para as obras. Os indígenas do povo Tupinambá, assim como de outros grupos, praticavam o canibalismo, portanto, a escolha do tema principal do filme é tanto uma homenagem aos ancestrais da diretora do produto audiovisual, Olinda Tupinambá, quanto uma atualização dessa prática ancestral para os dias de hoje.



Conclusões

Pouco antes de matar o guerreiro inimigo, a protagonista afirma “Você e os seus mataram muitos parentes nossos, para vingar essas mortes eu te matarei, te assarei e te comerei”, frase que ressalta a memória Tupinambá e a importância de suas relações sociais. Portanto, a existência do outro é necessária para que se possa definir quem se é. “Para os Tupinambá, o fundamento da sociedade era a relação com o outro, não a coincidência consigo mesmo, mas o desejo de ser o outro, a incorporação do outro, a saída de si, um devir-outro.” (CERNICCHIARO, 2018 p. 233). A antropofagia do filme além da narrativa está em seu conteúdo: na escolha da cineasta em usar referências claras ao filme 2001: Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, na trilha musical repleta de músicas clássicas e na máxima oswaldiana “Só me interessa o que não é meu.” (ANDRADE, 1970, p. 13), mas o que vem do outro precisa ser transformado para criar algo novo.

Bibliografia

- ANDRADE, Oswald de. **Do pau-brasil à antropofagia e às utopias**: Manifestos, teses de concursos e ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- BANIWA, Denilson. Reantropofagia. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 44, p. 33-34, 2022.
- CERNICCHIARO, Ana Carolina. “Nenhum rosto sem o outro”:: a poética ameríndia e o devir-menor. *[S.l.]*: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.53, 2018, p. 219-242.
- FISCHGOLD, Christian; GUARANI, Graci; KUIKURO, Takumã. **Demarcação das telas e revolução da imagens**:: celebrando a produção audiovisual indígena no Brasil. In Catálogo do Instituto Moreira Salles Cinema. São Paulo, 2023, p. 7.
- IBIRAPEMA. Direção: Olinda Muniz Wanderley. Brasil: [S.n.], 2022. (50 min.). Disponível em: <https://assista.itauculturalplay.com.br/ItemWatchhttps://assista.itauculturalplay.com.br/ItemDetail/664ca709a57f4453ce1f76b4/663e81fb7211bb1c3516a166> Acesso em: 10 jul. 2025.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017, p.1-18.
- QUEIROZ, CAIXETA et al. **Um sopro e uma luz pela autodeterminação dos povos e dos cinemas indígenas**. In: Catálogo do Forumdoc.bh. Belo Horizonte, 2023, p. 19.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.